

FOLHA *da* JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.

Av. Duque de Loulé, 90 - r. c. D.º — LISBOA

Com aprovação Eclesiástica

Preço \$

O SANTO PADRE FALA

PARA NÓS, UNIVERSITÁRIAS

A urgência dos problemas humanos que se põem à nossa geração, chama todos os espiritos rectos e sinceros a uma comunidade de esforços para compreensão recíproca: estudantes de diversos países, intelectuais católicos de todas as profissões, multiplicai entre vós, à vossa volta, proveitosos intercâmbios e contactos pacificadores! Semelhante acção e semelhantes testemunhos são já, a bem dizer, da parte de católicos reconhecidos pela sua competência e consciência, um autêntico serviço da Igreja.

Mas este serviço será prestado mais exactamente ainda, no quadro da vossa profissão, ao contribuiredes para a elaboração de um pensamento cristão com o saldo necessário das vossas experiências e da vossa cultura. Hoje, os teólogos católicos devem poder contar com os Nossos filhos, sábios ou técnicos, filósofos ou juristas, historiadores, sociólogos ou médicos, para fornecerem aos seus trabalhos a base de conhecimentos profanos experimentados: No seio da Igreja e na vossa qualidade de intelectuais, é essa a vossa missão privilegiada. E é assim que prestareis este serviço, com o sentimento da vossa responsabilidade, mas ao mesmo tempo com um coração filial e uma docilidade confiante.

Os ensinamentos que a Igreja vos entrega, as directivas que vos dá, a prudência que por vezes vos impõe, são para os vossos trabalhos outros tantos mananciais de fecundidade, outras tantas garantias de segurança, certeza de verdadeira liberdade.

Desejamos de todo o coração que, no exercício do vosso dever profissional, possais descobrir, cada dia mais, com que respeito e com que solicitude materna a Igreja ampara os vossos esforços nestes tempos difíceis em que viveis.

Nestas condições, estudantes e intelectuais cristãos, participais, segundo a vossa própria vocação, na obra da Redenção no mundo que nasce sob os nossos olhos. A cooperação nesta obra salvadora — da qual insististes em fazer o tema central do vosso Congresso — acaso não exigirá de vós que mergulheis em pleno esforço intelectual contemporâneo à semelhança de Cristo, em tudo igual a nós, salvo no pecado?

E não exigirá ela igualmente que leveis, fecunda nos vossos espíritos, a virtude salvadora desse Cristo, único Redentor, cuja vida nos é comunicada na Igreja?

Prosegui, pois nos vossos trabalhos, animados de um mesmo espírito, fortalecidos pela mesma esperança, seguros da confiança que depositam em vós, a Igreja e o seu Chefe.

Do discurso de S. S. PIO XII a quando do Congresso da Pax Romana em Amesterdão, em Agosto de 1950.



A VIDA PAROQUIAL

DA

Fundação Cuidar o Futuro

UNIVERSITÁRIA

Quando a estudante das nossas Faculdades viver com seus pais, na cidade em que fica a Universidade que frequenta, natural e fácil lhe é manter o contacto com a sua paróquia, ao menos pela Missa dominical e principais actos religiosos. Normalmente aí poderá fazer também a sua vida de piedade.

Já não é tão fácil e pode o atractivo ser muito menor quando a rapariga deixou a paróquia de origem, onde continua a viver a família, e veio instalar-se na cidade, para aí ficar apenas durante o tempo lectivo. A nova paróquia onde se encontra transitóriamente, que muitas vezes não se mantém a mesma durante os vários anos do curso, é-lhe inteiramente desconhecida e nada tem das recordações pessoais que podiam prender a recém-chegada à sua paróquia de origem ou residência. E tal estudante menos necessidade sentirá ainda de procurar a nova paróquia se ficar hospedada num lar e aí puder ouvir Missa e fazer toda a sua vida de piedade.

Acresce, para umas e outras, a dificuldade dos horários e o facto de a J. U. C. F., sobretudo para a formação das suas dirigentes e militantes, ter de organizar actividades, até mesmo religiosas, (retiros, manhãs jucistas, encontros de chefes do movimento, etc.), num plano supra-paroquial, não podendo deixar de ocupar Domingos para isso.

A estudante universitária, durante esses anos de preparação para a vida, encontra-se apenas num período transitório da sua existência, sujeito ao condicionalismo próprio, um pouco como o soldado no tempo do serviço militar. A paróquia, no entanto mantém a mesma razão de ser para ela, quer a rapariga continue em sua casa, como até ali, quer a tenha deixado. Se não puder frequentar a paróquia ou tiver de lá ir menos, que seja apenas enquanto durar essa situação de estudante e sem se esquecer dos laços espirituais e sociais que a prendem à comunidade paroquial de que faz parte, da qual auferiu e continua a auferir benefícios, mas para com a qual também tem deveres.

Recorde-se todo o sentido comunitário da Igreja, de que a paróquia é a primeira célula com vida completa; a Missa, sobretudo paroquial, em que todos os fiéis têm o seu lugar; o carácter comunitário dos Sacramentos, que dão ou alimentam a vida dum membro para o serviço do corpo todo; juntem-se as inúmeras recordações pessoais que nos podem prender à paróquia (Baptismo, Primeira Comunhão, Profissão de Fé, Casamento, momentos de alta vida interior ou a constante vida religiosa de cada dia, e isto tanto em nós como em nossos pais, irmãos e pessoas amigas) e teremos tantas coisas gratas ao nosso coração a lembrar-nos a alegria dum grande lar cristão, onde se reúnem os irmãos todos daquela porção do Reino de Deus.

Um dia mais tarde, findados os estudos e alcançada a carta de curso, a vida definitiva da estudante de hoje fixar-se-á aqui ou ali, em plena normalidade de vida cristã. A mulher diplomada precisa de ser um valor com que se possa contar nessa comunidade familiar da paróquia, onde vai encontrar os seus irmãos e ela mesmo ser uma das primeiras educadoras de novos cristãos. Sem prejuizo, pois, das suas necessidades de momento, que a universitária faça por manter, o mais vivos possível, os laços que a prendem à comunidade paroquial a que pertence. Herdeira de tradições que só aí se encontram e que são a base sólida da vida, saberá depois enriquecê-las com a bagagem dos conhecimentos novos que a cultura superior lhe trouxe.

A. Gonçalves

Assistente Nacional da J. C. F.

— Como motivo do Ano Santo, os polacos exilados ofereceram ao Santo Padre uma lâmpada em mármore, cuja luz quer assinalar a presença em Roma de

NOTÍCIAS

DE TODO O MUNDO

todos os católicos dos países alem da «cortina de ferro» e que estiveram ausentes no Ano Jubilar. Agora, por desejo do Santo Padre, esta lâmpada foi le-

vada para a Igreja dos polacos em Londres, onde a colónia a conserva, esperando o dia em que a possam levar consigo para a pátria libertada.

— Realizou-se em Roma, de 15 a 19 de Abril, o Congresso da Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas (FMJFC) acerca do qual virão notícias detalhadas na próxima «Folha da Jucista».

— A «Summer School» do Instituto Católico de Paris organiza de 7 de Julho a 2 de Agosto de 1952, uma série de cursos de língua francesa e de cultura geral. Tema geral de esta sessão: «A França de hoje», o seu pensamento católico, e a sua influência sobre a literatura, a filosofia, a vida social, a história e as artes em França.

— A «Summer School» da Universidade Católica de Friburgo (Suíça) organiza uma sessão de seis semanas, dividida em dois períodos: de 14 a 31 de Julho, e de 4 a 23 de Agosto, sobre: «Um mundo a reconstruir».

Estes cursos são abertos aos estudantes universitários, aos membros do corpo docente, assim como a todas as pessoas que se interessam pelos problemas estudados.

— O 75.º Katholikentag da Alemanha, que se realizará de 19 a 24 de Agosto de 1952 em Berlim, tratará, entre outros, dos seguintes temas: Deus ou a matéria eterna? — Que sucede aos homens sem Deus? — A que nos conduz a técnica? — Como defender os direitos de Cristo? etc.

— O 35.º Congresso Eucarístico Internacional de Barcelona, no qual vai tomar parte o nosso F. C. V. Assistente Central, realiza-se de 17 de Maio a 1 de Junho.

Nos dias 25, 26 e 27 de Maio, um tríduo de orações em todas as igrejas da cidade preparará espiritualmente o Congresso.

A 28, será o dia da família e das crianças; a 29, o dos doentes; a Santa Comunhão será levada solenemente através de toda a cidade a milhares de doentes em todos os hospitais e casas particulares de Barcelona. O 30 de Maio será consagrado à Eucaristia. Um grande número de Bispos participará na cerimónia da ordenação de sacerdotes no estádio de Monjuich e a Santa Missa será celebrada nesse dia na maior parte dos ritos da cristandade.

— O C. I. C. I. A. M. S. (Comité International Catholique d'Infirmières et Assistentes Medico-Sociaux) realizou em Lisboa, de 15 a 20 de Abril, uma semana internacional de estudos, em que tomaram parte delegações da Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Luxemburgo e Suíça.

Realizaram-se sessões de estudo e sessões públicas focando, entre outros temas a formação integral da enfermeira, a organização da profissão, o papel da enfermeira na reintegração total da pessoa humana, etc.

O Comité recebeu nessa altura uma carta de Monsenhor Montini, em que comunicava que o Santo Padre tomara conhecimento do programa da

Já adquiriste e leste o teu exemplar de «Universitárias»? Já vendeste, pelo menos, um número? Já entregastes o dinheiro à tua chefe de equipa?

Se ainda não, de que é que estás à espera?

semana, o aprovava e enviava a Bênção Apostólica. Salientava a importância dos assuntos tratados, tendo em vista a grave necessidade de a enfermeira católica ser a melhor como profissional, de harmonia com as exigências técnicas modernas. Aconselhava, além disso, a fortalecer as associações de enfermeiras católicas, para poderem impor-se no meio.

Duas das resoluções mais importantes da Semana foram: conseguir que em todas as escolas de enfermagem seja criado um programa de Psicologia, para cujo modelo foi aprovada a proposta de Portugal, e conseguir que a Associação Mundial de Saúde aceite um programa base de ética profissional.

A Semana terminou com uma peregrinação a Fátima, onde se fez a Consagração das Enfermeiras Católicas ao Imaculado Coração de Maria.

C A L E N D Á R I O

Demos uma vista de olhos pelos nossos missais:

Todos os Domingos, têm agora o nome de « Domingo depois da Páscoa », e o júbilo e contentamento pela Ressurreição de Jesus Cristo, transparece nos seus Evangelhos.

Como deve, pois, ser vivido este mês de Maio a seguir à Páscoa ... ?

A Quaresma passa com os seus Offícios Divinos, e Dias Santos, a Páscoa também, com as suas festas e alegrias.

Na quaresma, rezámos mais, fizemos penitência pelos nossos pecados, preparámo-nos para a grande festa da Páscoa. E agora... neste tempo que se lhes segue podemos, ou temos o direito de ficar inactivos, assim de braços cruzados, julgando que fizemos muito? Não! como raparigas jucistas, não podemos, nem temos esse direito...

Depois de termos assistido aos sofrimentos de Jesus na Cruz, de termos visto a Sua resignação, de termos compreendido o Seu amor por nós, pobres criaturas!, é preciso que continuemos a Sua obra, que nos imbua-mos da sua presença em nós e que trabalhemos na nossa missão de Apostolado.

Vem também neste mês o flagelo dos exames, e mais do que nunca precisamos de nos aperceber que Deus vive em nós e que O crucificamos de novo no nosso coração, quando pecamos... e há tantas tentações nos exames... Olhem de novo para o nosso Missal.

Os dias da semana são quase todos, dias em que se comemoram Santos mártires.

Pensem um bocadinho na fé desses eleitos de Deus, e em nós. Pensem que também para o nosso apostolado é preciso primeiro uma grande fé, depois caridade.

É certo que a nossa fraqueza é imensa o que por vezes cedemos às nossas tendências de vaidade e orgulho, que tão inimigas são da Fé; mas, se quisermos, e confiarmos em Deus, podemos vencê-las.

E, neste mês de Maio, mês de Nossa Senhora, quando tivermos tentações e estivermos prestes a pecar, lembremo-nos de Maria e peçamos-Lhe que não nos desampare e que nos ajude, para que possamos continuar a Missão de Cristo na terra — Trazer as almas ao caminho da Verdade e ensinar a Verdade às almas.

Peregrinação Nacional da J. U. C. F. a Fátima

Na manhã do dia 3 de Maio a J. U. C. F. partiu de Lisboa, Coimbra e Porto a caminho de Fátima. Mais um encontro dos três centros universitários, desta vez para comunicação e renovação de vida sobrenatural.

O tempo agressivo não alterou o entusiasmo de cada peregrina. Pelo caminho cantaram-se e rezaram-se hinos de alegria e de louvor à Virgem. Em Fátima aumentou a chuva, o vento e o frio; e em cada Jucista aumentou a fé e a esperança e a caridade.

No sábado à noite realizou-se a procissão das velas. A longa fila de Jucistas avançava, alumando a noite escura com suas almas acesas, no dizer do Rev.º Assistente Geral, porque a força do vento apagava a chama das velas. Como o tempo não permitisse que a cerimónia da consagração das Horas de Estudo se realizasse na Capelinha das Aparições, resolveu-se fazê-la na Capela do Hospital. Após a recitação, em coro, da Consagração das Horas de Estudo a Nossa Senhora, (que vem reproduzida mais adiante) as representantes das três Direcções Locais - de Porto, Lisboa e Coimbra avançaram para o altar mór, a primeira trazendo uma vela acesa, a segunda algumas achas e a terceira um cestinho que continha os papeis das Horas de Estudo. A Delegada do Porto acendeu as achas com a vela e a representante da Direcção Geral ia deitando os papeis sobre elas, ajudada pela Presidente de Coimbra, para que fossem rapidamente consumidos pelo fogo. Entretanto as Jucistas, de pé, recitaram em coro a oração da Bênção do lume do Sábado Santo e o hino dos três jovens na fornalha ardente. Depois rezou-se em coro a oração do ofertório do dia da Assunção, terminando a cerimónia com o cântico da Salve Regina. Por detrás deste simbolismo cada Jucista contemplava a sua própria vida de trabalho intelectual oferecida a Nossa Senhora pelos irmãos de fé que sofrem perseguição para lá da cortina de ferro e pelo bom resultado do próximo Congresso da Juventude Universitária Católica. Cada uma se estimulou no aperfeiçoamento do seu estudo, sabendo que estava a contribuir para o alívio de muitos irmãos e para o triunfo de um grande acontecimento universitário. Seguiu-se uma hora de adoração com o terço meditado.

Na manhã do dia seguinte, após a Hora de Prima, o Rev.º Assistente Geral celebrou missa dialogada pelas Universitárias e na qual todas comungaram. Às 10,30 h. começou a concentração para a procissão do Adeus, que foi dirigida pelo Rev.º Assistente Diocesano de Coimbra.

O andor, ladeado por duas longas filas de Jucistas e coberto com flores e fitas de pastas das finalistas de Coimbra, percorreu todo o recinto até ao cruzeiro, transportado pelas Universitárias que se iam revezando. No final da procissão as duas alas pararam em frente da Capela das Aparições e aí cantaram o Adeus à Virgem.

Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, que se encontrava também em Fátima, dignou-se receber e abençoar as Jucistas, dirigindo-lhes palavras de estímulo e de orientação. Referiu-se ao futuro Congresso com palavras de carinhosa confiança e sintetizou em uma frase curta e forte todo um programa de vida cristã: « **sede fieis** ». Por se ter perdido o sentido da fidelidade e ser frequente considerá-la como uma imposição contrária ao desenvolvimento e à plenitude dos mais fecundos e essenciais valores humanos, esta frase pareceu-nos um sopro de verdade a renovar uma hora saturada de enganos. Todas nós, Jucistas, sabemos o preço da fidelidade, porque o nosso emblema reveste-nos de um compromisso que nos obriga a muitas e por vezes quase insuportáveis renúncias. Mas sabemos também

que na base da fidelidade está o amor e que a renúncia é a prova de fogo da autenticidade desse amor que repudia tudo e que pode manchá-lo ou diminuí-lo ou aniquilá-lo. Sabemos que a existência do cristão, que se recusa combativamente à infidelidade, não é hipocrisia, nem fuga de vida; é antes o drama do homem que à custa de dores e de agonias íntimas, e em união com o poder divino, converte em valores eternos os mais altos valores da temporalidade humana. Por isso será uma só a nossa resposta: **seremos fiéis.**

Dias de jejum e abstinência:

Para quem tomou o Indulto, durante este mês, é de jejum e abstinência o dia 31, Vigília de Pentecostes.

A MULHER

e o Trabalho Profissional

Realizou-se em Agosto do ano passado, em Boulogne-sur-Seine, um encontro de mulheres universitárias da organização internacional «Pax Romana». Este encontro teve várias sessões, e em todas elas se trataram assuntos de máximo interesse para nós, raparigas, Universitárias e Católicas. A vocação da mulher, a mulher e o lar, valor do trabalho feminino, são alguns títulos dos temas discutidos.

Na realidade, é absolutamente preciso que tenhamos ideias sobre a verdadeira mentalidade católica, à luz da qual devem ser vistos todos estes problemas.

Dos resumos das exposições apresentadas no encontro daquelas Universitárias, concluímos que a sua maneira de pensar em relação às vocações profissionais femininas, se afasta um pouco daquilo a que poderíamos chamar a vocação profissional da mulher católica.

Certo é, que estas teses foram expostas por um número restrito de pessoas, não podendo, de forma alguma, representar a totalidade. Além disso, se discordamos do seu modo de pensar, não é que este destrua a concepção basilarmente católica que é comum a todos nós, senão que a adaptação desse catolicismo aos problemas discutidos, nos parece não estar inteiramente conforme ao pensamento da Igreja, muitas vezes expresso claramente, como no discurso do Santo Padre, às mulheres Italianas.

Ponhamos diante de nós, por exemplo, alguns resultados de uma discussão sobre o trabalho feminino e a vocação da mulher, levada a efeito entre as Universitárias a que nos referimos.

I — Este trabalho pode contribuir para vencer o egoísmo familiar.

II — Pode ser como que um descanso para a mulher casada, mesmo nos lares felizes.

III — A independência monetária é por vezes um elemento de equilíbrio.

IV — O trabalho profissional será para a mulher a forma de cumprir a sua função social no mundo actual.

Quando estas Universitárias nos acenam com uma bandeira a que poderíamos chamar feminista, cabe-nos a nós, raparigas de hoje, mulheres de amanhã, responder com a bandeira da tradição portuguesa. E, para isto, não precisamos mais do que transportar para aqui as palavras tão claras de dois Papas eminentes que tivemos nos últimos tempos: PIO XI e PIO XII.

Ouçamos PIO XI na Encíclica «Casti Connubii» em que nos fala sobre a emancipação da mulher.

«Todos quantos, por palavras ou por escrito obscurecem o brilho da fidelidade conjugal, esses mesmos mestres do erro, fãcilmente abalam também a fiel e honesta submissão da esposa ao marido;... querem eles uma emancipação social, enquanto afastam a mulher dos cuidados que no lar doméstico reclama a família e os filhos, para que, livre deles, possa entregar-se às suas afeições e inclinações particulares, e dedicar-se até aos officios e negócios públicos.»

Passados quinze anos sobre a publicação da Encíclica atrás citada, é PIO XII que diz às mulheres Italianas, acerca da colaboração mútua entre o homem e a mulher. «Ela colabora com o homem, mas daquele modo que lhe é próprio, segundo a sua tendência natural. Ora a função da mulher, a sua inclinação natural, é a maternidade.»

O mesmo Pontífice é o primeiro a constatar que «é um facto inegável, já desde há muito, terem-se os acontecimentos públicos desenrolado de uma maneira desfavorável à família e à mulher. Diversas agitações políticas a ela se dirigem para a atrair à sua causa». Mas as consequências destes mesmos acontecimentos surgem, tristemente evidentes: as pessoas da família trabalham cada uma separadamente, nos quatro cantos da cidade e a horas diferentes, quase nunca se encontram juntas, nem para o jantar nem para o descanso, depois das fadigas do dia, ainda menos para a oração em comum. O que fica da vida familiar?

E que atractivo pode ela oferecer aos filhos?»

Finalmente, o Santo Padre, com uma compreensão total da

verdadeira missão social da mulher, ensina-nos que «ela deve concorrer com o homem para o bem estar da Humanidade, na qual ela é igual a ele em dignidade. Ambos têm o direito e o dever de cooperar para o bem total da sociedade, da pátria, mas é claro que, se o homem é, pelo temperamento mais levado a tratar das questões exteriores, dos negócios públicos, a mulher tem, falando em geral, mais perspicácia e um tacto mais apurado para conhecer e resolver os problemas delicados da vida doméstica e familiar, base de toda a vida social».

Destas palavras se depreende claramente que a mulher casada não precisa do trabalho profissional para cumprir a sua missão na sociedade.

Analisemos agora as opiniões de uma das expositoras, que se afastam enormemente da posição que sempre temos conservado perante tais problemas.

I — A profissão traz à mulher casada um momento de recolhimento e solidão.

Sabemos de há muito que, segundo o plano do Senhor «toda a mulher é destinada a ser mãe, mãe no sentido físico da palavra ou então num sentido mais espiritual e elevado, mas não menos real.»

Disto concluímos que a mulher que não tenha vocação para o celibato, tem tendência natural a formar um lar, no qual colabora com o homem na criação e educação dos filhos. Aqui, pode ela encontrar a verdadeira realização do seu destino; é, pois, natural que seja também aqui que, de modo mais integral, possa achar esse recolhimento e solidão, de preferência a achá-lo na agitação de um emprego.

II — A «presença espiritual» da mulher junto de seu marido é facilitada, se a mulher tiver uma profissão.

«Acentuemos, antes de mais, que o problema nos é posto não em relação à cultura, mas em relação à vida profissional. Todos somos concordes em dizer que a mulher deve ter um nível de cultura equiparado ao do homem, pois assim, como dizia Ferdinand Cavallera «seu marido poderá mais facilmente entreter-se com ela de tudo o que se passa fora do círculo da vida doméstica».

Porém as consequências da vida profissional da mulher junto do homem são diferentes das da sua vida intelectual. Como poderá ela proporcionar a seu marido, no fim de um dia de trabalho, um ambiente espiritual calmo e compreensivo, num esque-

cimento de si mesma, estando ela própria excitada e preocupada com os seus problemas profissionais?

Como poderá preparar uma atmosfera familiar agradável e repousante, na qual todos colaborem, estando o dia inteiro afastada de seus filhos, perdendo mesmo com eles esse contacto íntimo, base de toda a compreensão?

Estas interrogações que se nos põem não são novas nem fáceis de responder. Ouçamos a expositora atrás citada, e vejamos que ela própria nos diz:

«O problema mais grave é o das crianças: a disponibilidade física da mulher é diminuída pela maternidade: gravidez, amamentação, fadiga, doenças das crianças, etc.; por outro lado, há o problema da educação dos filhos (mas, a partir dos 2 anos, pode recorrer-se vantajosamente às Escolas Montessori). Há sempre um problema de adaptação; é preciso que a profissão seja eficaz sem que o lar sofra com isso.»

Temos aqui duas partes bem distintas no que respeita ao denominado «problema dos filhos», e uma terceira parte, referida ao problema geral da coordenação entre a profissão e o lar. Primeiro o período da gravidez, amamentação, doenças das crianças, isto é, o da criação. Se é certo que em alguns países a assistência a este período está mais cuidada que no nosso, nem por isso o problema está completamente resolvido. Quando nos dizem «que a instalação em número suficiente de Infantários e Núcleos de Assistência Social e infantil nos meios populosos e nos centros fabris se torna indispensável», nós poderemos admitir que essa instalação seja a melhor solução a adoptar para problema tão grave; no entanto, como se poderá negar a falta que fazem à criança os cuidados constantes da mãe?

A segunda parte do problema é a respeitante à educação dos filhos. Embora em alguns países «a partir dos dois anos se possa recorrer às Escolas Montessori» nem por isso a educação deixa de sofrer, no que toca àquele contacto de almas e àquela transmissão de uma formação tradicionalmente moral e religiosa, que deve passar de pais a filhos, principalmente por intermédio da mãe. A estas consequências da ausência da mulher no lar, vem acrescentar-se o desinteresse dos filhos pela casa, que nem sempre tem o ambiente calmo, acolhedor e familiar de que eles necessitam.

Finalmente, surge o problema da adaptação da vida profissional à vida familiar.

Ouçamos, a propósito, o Rev.^o Dr. José Gracias: «A mulher casada só muito raramente conseguirá ser, ao mesmo tempo, boa profissional ou dirigente de obras, sem prejuízo, mais ou menos grave da sua missão essencial, principalmente nos primeiros

decénios da sua vida matrimonial, enquanto a educação dos filhos exige da sua parte uma constante atenção».

* * *

O problema que tratamos neste pequeno artigo tem ainda inúmeras facetas, sob as quais pode ser apreciado. Sabemos que existem profissões mais ou menos adaptadas à personalidade feminina, onde esta pode dar mais ou menos rendimento. Sabemos ainda que o aspecto do problema varia segundo as diversas classes sociais. Finalmente, não esquecemos que as condições da mulher casada e as da mulher solteira são totalmente diferentes. Mas a análise de todas elas far-nos-ia entrar num estudo muito mais profundo do que estas breves considerações consentem. Quisemos, apenas, apresentar, de uma forma geral, a opinião da Igreja àcerca do trabalho profissional da mulher casada.

Entre as causas que determinam este trabalho profissional, figura, como uma das mais importantes, o desejo de uma falsa emancipação. A propósito, recordemos, para terminar, estas palavras judiciosas de Pio XI:

«A igualdade de direitos, que tanto se exagera e apregoa, deve, sim, reconhecer-se em tudo aquilo que é próprio da pessoa e da dignidade humana, e nas coisas que derivam do pacto nupcial, e estão anexas ao matrimónio: porque neste campo cada um dos cônjuges goza inteiramente dos mesmos direitos, e está sujeito aos mesmos deveres, mas, em tudo o mais, há de haver uma certa desigualdade, na medida em que o bem estar da família e a devida unidade e firmeza de ordem e sociedade doméstica o reclamam».

Maria Helena Farmhouse da Graça Mira



Leste conscienciosamente os boletins de informação do nosso Congresso? Procuraste dá-los a conhecer o mais possível à tua volta?

Se não, ainda estás a tempo ...

REUNIÕES DA EQUIPA

I Reunião

A—1) Oração jucista

2) Avisos

3) Comentário dum passo do Evangelho (S. Lucas, XXIV — 13-32)

a) «... e sucedeu que quando eles iam conversando e discorrendo entre si, aproximou-se deles o próprio Jesus e ia com eles; os seus olhos, porém, estavam como que fechados de modo que não O reconheceram...»

Eram dois dos seus discípulos que caminhavam, vergados ao peso da tragédia que fora o fim desse Mestre que tinham seguido...

Incapazes de compreenderem o mistério das Suas últimas promessas, viam tombar tristemente a esperança dum reino de glória no mundo...

Era o desalento, a sensação dum abandono, dum fracasso... Por isso, quando Jesus caminhava a seu lado não O reconheceram, nem sequer O sentiram. Tinham o coração demasiado preso à terra, para se poderem libertar da opressão que os envolvia...

...Como os discípulos de Emaús, nós caminhamos todo um ano, e o Mestre a nosso lado sem O reconhecermos. A Sua presença suave não nos libertou, acaso, deste cansaço e desânimo que se apoderou de nós, ao vermos tão fracassados os nossos empreendimentos. Temos os olhos fechados, tristemente fechados.

Chegámos quase ao fim. Onde estão os entusiásticos projectos do começar do ano? Onde está a minha coragem, a minha alegria, a minha força?... Acreditámos num renovar de vida, em cada uma de nós, em cada uma das nossas delegações. Mas, a pouco e pouco, a lua, o trabalho, o pouco resultado foi apagando o sorriso confiante com que aceitámos todos os encargos. Discípulos de Emaús, levantai os vossos corações, Jesus caminha a vosso lado em silêncio, no sorriso daquele que um dia ajudaste; na gratidão escondida daquela que soubestes consolar; nos olhares de todos quantos receberam de vós uma promessa... a promessa do amparo, da vossa alma que dizieis forte.

Quereis deixá-las agora sôzinhas para vos refugiardes no meditar das vossas próprias aflições. É Jesus? Sabeis que é Ele que caminha, tendes coragem de O deixar passar sem O reconhecerdes?

b) Mas eles O constrangeram, dizendo: «Fica connosco, porque faz-se tarde e o dia já declina».

Fica connosco... uma súplica, um convite. Eles não sabiam que era o Mestre, porque as sombras da tarde envolviam o Seu rosto; mas aquelas palavras, aquela voz faziam renascer neles a esperança... «Fica connosco».

E Jesus, que sabia o desalento dos seus corações, ficou, para lhes comunicar vida, para lhes provar que todas as suas promessas seriam realizadas...

Quantas vezes, esse pedido nos é dirigido a nós — «Fica connosco»! Mas há tanto que fazer, tantos compromissos tomados, tantos... Se nos lembrássemos de que um momento que passa não volta a repetir-se, talvez soubessemos executar melhor os pedidos que as almas nos fazem!

«Fica connosco, porque se faz tarde». Tarde, quando é mais difícil manter a energia, a força da manhã, e os nossos gestos ameaçam cansaço. Senhor, fica connosco, para que sintamos «abrasar-se-nos o coração, enquanto

Tu falas» e para que se nos encha de alegria da Tua presença... E, com Jesus na alma, de que não seremos nós capazes, mesmo ao findar do ano, mesmo rodeadas de trabalhos e de preocupações?

B — Inquérito

II Reunião

A — 1) Oração Jucista

2) Avisos

3) Comentário dum passo do Evangelho (S. João XVII, 6-26)

a) «É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus... E digo estas coisas, estando ainda no mundo, para que eles tenham em si mesmos a plenitude do meu gozo... Não peço que os tires do mundo, mas que os guardas do mal... Santificas-os na verdade...»

O Mestre, que era Deus, também rezava, para que, mais tarde, os seus discípulos Lhe seguissem o exemplo, e se animassem a levantar os olhos para Deus...

Jesus pede pelos seus discípulos, para que perseverem na fé, para que para que guardem em si toda a Sua Alegria e toda a Sua Verdade. Esta oração de Jesus ao Pai é, na distancia dos tempos, uma exortação a nós, que somos também seus discípulos — à nossa Alegria, à nossa Verdade... A alegria do nosso olhar, à Verdade de toda a nossa Vida. Alegria verdadeira só a pode ter quem for capaz de passar acima de si mesmo, para se harmonizar com a Verdade da palavra de Cristo. E, para isso, não é necessário fugir do Mundo. «Não peço que os tires do Mundo, mas que os guardes do mal». O campo de luta está aberto, é o Mundo, mas o mal só vence os que se não santificaram na Verdade.

b) «Tu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão-de crer e n' Mim, por meio da tua palavra; para que se unam todos em um, como tu, Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; para que também eles sejam um em Nós, a fim de que o Mundo creia que Tu me enviaste».

Jesus pede, ainda, por todos os que se tornaram seus discípulos, através das palavras dos que Ele enviou... Jesus pede pela sua Igreja... para que na união de todos, os cristãos façam crer ao Mundo a verdade da Sua Vida.

«Para que sejam todos um...»

Essa união, que trazemos como divisa no nosso emblema, será uma verdade ou apenas um símbolo? As férias aproximam-se. Cada uma debandará para longe. E a nossa união não passará de palavras? Ou continuará a ser o eco dos nossos gestos e palavras? O ano que vem será apenas a continuação, ou um recomeçar?

Pensa na oração do Mestre, e escuta o eco deste ano, que ele deixa na tua alma de rapariga...

B — Inquérito.

Noutros tempos, como os conhecimentos humanos — a ciência — eram muito limitados, parecia possível que um só pudesse fazer a defesa e apologia da nossa Fé.

Hoje, com a extensão e intensidade da ciência moderna, é preciso que os apologistas dividam entre si o trabalho para defender cientificamente, em todos os campos, a Igreja.

— Tu... não podes esquivar-te a esta obrigação.

ESCRIVÁ

SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA

VIDA ESPIRITUAL

CHARLES, S. J. (Pierre) — La prière de toutes les choses

LEBRET — Action, marche vers Dieu

GODIN (Abbé H.) — Le levain dans la pâte

GUARDINI (Romano) — Introduction à la prière

LETOUSEY (A.) — L'Evangile, règle de vie

SCHRIJVERS — Le don de soi



Consagração das horas de estudos a

NOSSA SENHORA de FÁTIMA

Virgem Santíssima, Senhora de Fátima e do Mundo, eis aqui, ajoelhadas a vossos pés, as universitárias de Portugal, que vêm afirmar-vos a sua filial devoção e a perpétua fidelidade a Deus.

Viemos confiar-vos a nossa gratidão por todas as graças recebidas até hoje, como raparigas e como estudantes, por toda a coragem, por toda a luz que por vossa intercessão recebemos, por toda a pureza que por vossa intercessão conservámos.

Senhora, Mãe da Divina Sabedoria, atendei às nossas súplicas, iluminai a nossa inteligência para atingirmos, através das verdades parcelares e dispersas, a Suprema Verdade e para, em tudo, descobriremos e glorificarmos a mão do Divino Artista, do Deus Criador que, generosamente, espalhou pela terra os seus dons.

Dai-nos, Senhora, a plena consciência da nossa dignidade feminina e da nossa missão pessoal, familiar e social, ajudando-nos a realizá-la integralmente, pela competência profissional, pela abnegação quotidiana, pelo esclarecido e irradiante amor do próximo.

E, como testemunho da nossa fé e da nossa união à alma martirizada da Igreja, entregamos nas vossas mãos, Senhora, a oração da nossa inteligência, as longas horas de perseverança e de estudo, pedindo-vos que elas sirvam de reconforto aos nossos irmãos perseguidos e de fonte de renovação total da Universidade Portuguesa. Presentes no Vosso Santuário, nesta noite Santa, desejamos que as nossas esperanças subam para o Senhor ao calor desta chama viva que queremos ver brilhar por toda a parte, como símbolo de corações em fervorosa prece e prontos para todas as renúncias. Para aqueles por quem pedimos, para nós, para o Santo Padre, para os nossos Prelados, para a Acção Católica, para toda a juventude universitária de Portugal e do mundo, desça através das vossas mãos, ó Mãe de dor, de amor e de misericórdia, a benção de Deus Onnipotente, única consolação e esperança única do Mundo.

Assim seja.